

COMÉRCIO EXTERIOR

Exportadores do RS enxergam tarifaço como entrave para 2026



MARCO QUINTANA/ARQUIVO/JC

Setor de carnes, embora tenha sido alvo das tarifas, conseguiu reverter as perdas pela abertura de novos mercados

Indústria gaúcha pode perder quase US\$ 1 bilhão em 2026, estima Fiergs

Ana Stobbe
ana.stobbe@jcrs.com.br

A balança comercial do Rio Grande do Sul está encerrando o ano de 2025 positivamente, com R\$ 6 bilhões a mais em exportações do que em importações. Entretanto, com os Estados Unidos, o cenário muda. Os gaúchos compraram R\$ 219,8 milhões a mais do que venderam aos EUA no acumulado de janeiro a novembro, gerando um cenário

negativo ao Estado. Os dados são do Panorama do Comércio Internacional do Brasil, plataforma de business intelligence (BI) desenvolvida pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Gerex/Fiergs).

O cenário se torna mais impactante ao observar o comparativo dos índices com os do ano anterior, que demonstram que as exportações gaúchas aos EUA retraíram 9,4% em valor comercializado. A performance, aliás, é a pior desde 2022, o último ano em que a balança comercial entre as duas partes esteve no negativo.

O revés se intensificou no último quadrimestre do ano,

quando os impactos das tarifas de 50% impostas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, a uma série de produtos brasileiros passaram a ser visíveis. Apenas nesse período, em relação a 2024 foram comercializados US\$ 252 milhões a menos.

Em setembro e em novembro, em relação aos mesmos meses do ano anterior, o valor exportado caiu mais de 50% em cada um deles. Para 2026, a Unidade de Estudos Econômicos da Fiergs projeta que a indústria de transformação poderá perder quase US\$ 1 bilhão em exportações aos EUA caso as tarifas sejam mantidas.

Abicalçados prevê queda caso tarifaço prossiga

Os efeitos da sanção econômica são maiores em setores que dependem do mercado norte-americano. É o caso do coureiro-calçadista, que tem nos Estados Unidos seu principal parceiro comercial, mercado que abocanha, sozinho, quase 25% das exportações do segmento. E, no último quadrimestre, em comparação com o ano anterior, a queda foi de 16,5% nos valores vendidos ao país.

O problema, nesse caso, é que a abertura de novos mercados é dificultada pelas variações nas formas de calçado de nação para nação. E, também, pelo fato de muitos produtos

serem fabricados já com a marca do comprador americano, não podendo ser redirecionados internamente no Brasil.

"A exportação para os Estados Unidos é diferente do que para outros mercados, porque é um grande comprador de calçados no modelo private label, que são encomendas de produtos feitos conforme as especificações do importador, com a marca dele, o tipo de forma e o tipo de material. É um produto sob encomenda e que não pode comercializar com um mercado interno ou para outro mercado. O grande volume é nesse formato, que é de produtos de maior valor agregado", explica o

presidente-executivo da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), Haroldo Ferreira.

Por isso, para Ferreira, o cenário apenas pode ser revertido no setor coureiro-calçadista caso as tarifas sejam derrubadas. "A projeção (sem o tarifaço) é de estabilidade no mesmo patamar de 2025, com um crescimento de 2,1% em relação a este ano. Mas, caso o tarifaço se mantenha, nossa exportação poderá ficar negativa entre 10 a 15% no próximo ano. E, se o cenário alterar até o final deste ano, podemos reverter a queda em um crescimento de até 4,4% na exportação", conjectura.

Sindimadeira revela preocupação intensa no próximo ano

O setor madeireiro também foi fortemente impactado pelo tarifaço, mesmo que alguns de seus produtos tenham escapado das taxas. Embora a balança comercial do segmento tenha sido levemente positiva nas exportações aos Estados Unidos, com o acumulado até novembro sendo de US\$ 92,4 milhões, o valor comercializado ainda é 4,08% menor do que o mesmo período de 2024.

O fato é que a exportação de madeiras tem dependência nos EUA, que são o destino de quase 40% dos produtos do segmento exportados pelo Rio Grande do Sul, concentrados na comercialização de pinus. No acumulado do último quadrimestre, em relação ao mesmo período do ano anterior, o valor nas transações com os norte-americanos caiu 66,42%.

"Em 2026, se não tivermos uma mudança rápida no tarifaço, vamos ver o setor sofrendo

demaís. Nos três estados do Sul do Brasil, já se contabilizam mais de 5 mil perdas de postos de trabalho. Outros 5 mil estão em um sistema de férias. E há 1,2 mil postos de trabalho em lay-off. Mais de 95% da produção industrial (de madeiras) acontece nesses três estados. E, se as tarifas não forem revertidas, possivelmente pode colocar em xeque algumas indústrias", desabafa o presidente do Sindimadeira RS, Leonardo De Zorzi.

Para ele, as perspectivas do setor são negativas. "Não vemos 2026 como um grande ano, ao contrário, a gente vê o 2026 com extrema preocupação", acrescentou. Enquanto a abertura de novos mercados é vista como, de certa forma, utópica para sanar o problema e a reinserção de produtos no mercado interno não é capaz de compensar as exportações perdidas, ele acredita que apenas o fim das tarifas pode trazer um alívio.

Setor de carnes abre mais mercados na Ásia

O comércio de carnes e miudezas com o exterior teve uma variação positiva enquanto valor exportado. Entretanto, o volume destinado ao mercado internacional caiu 2,8%. O contexto é estável, embora os produtos tenham sido alvo do tarifaço de Trump.

"Diria que o tarifaço foi pior para os norte-americanos do que para o Brasil. Porque nós encontramos nossos caminhos no mercado mundial e conseguimos alavancar nossas vendas. É um ano em que, apesar do tarifaço conseguimos sair bem", analisa o coordenador de mercados da consultoria Safras & Mercado, Fernando Iglesias.

As exportações para os Estados Unidos do primeiro semestre do ano, inclusive, foram capazes de antever a tragédia do tarifaço. Afinal, houve um avanço no valor comercializado do setor pelo Rio Grande do Sul aos EUA de mais de 100% no acumulado de 2025 em relação ao ano anterior, embora no último quadrimestre do ano a queda tenha sido de 99% em relação ao mesmo período de 2024.

Nesse cenário, a abertura de novos mercados na Ásia foi uma salvação no segundo semestre do ano e um grande apoio no primeiro. Entre janeiro e setembro, os ministérios da Agricultura e

Pecuária (Mapa) e das Relações Exteriores (MRE) anunciaram que as tratativas com o continente oriental corresponderam a 37% do acumulado nas exportações agropecuárias do Brasil. Entre os novos importadores de produtos brasileiros, estão Egito e Índia.

Em 2024, as Filipinas passaram a importar carne suína gaúcha. Ao longo de 2025, o país foi o principal importador de carne suína do Estado, correspondendo a 43,64% das exportações do produto.

"Não há grandes possibilidades para os EUA dentro do mercado para não comprar a carne brasileira. Então, Trump removeu as tarifas adicionais para a carne bovina e o Brasil passa a ser muito competitivo no mercado norte-americano. Tanto que o que nós imaginamos para 2026 é que os EUA comprem bons volumes de carne aqui do Brasil", conclui Iglesias.

A perspectiva é compartilhada pelo economista-chefe da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), Antônio da Luz: "Trump mostrou, mais uma vez, o tamanho do agronegócio brasileiro. O mundo não funciona mais sem o agro do Brasil, que é o maior exportador líquido de alimentos do mundo."